

Computador da guerra colonial em exposição

Isabel Gorjão Santos

A história da máquina que processou o salário dos militares portugueses, a IBM 1400, é hoje recordada num debate, em Lisboa

O Exército português usou-a durante a guerra colonial e até instalou uma em Angola. Era um excelente computador, que serviu, por exemplo, para processar os salários dos militares. Chamava-se IBM 1400, funcionava com cartões perfurados e ainda tinha muito de mecânica. Amanhã, pelas 18h00, será o tema do primeiro debate sobre memórias das tecnologias de informação, que terá lugar no salão Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação, na Feira Internacional de Lisboa (FIL).

Octávio Firme foi mobilizado para a tropa em 1971, mas a informática livrou-o de ir combater para o mato. Tinha estudado Engenharia Electrotécnica no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, embora sem acabar o curso. E tinha começado a trabalhar na IBM, em 1969, como programador. Durante algum tempo não foi mobilizado, mas quando chegou a 1971 já não conseguiu evitar. Fez o curso de capitães e, em 1972, foi enviado para Angola. Missão: substituir a máquina IBM 1400 pelo modelo 360/30. Uma tarefa pouco arriscada, tendo em conta o cenário de guerra, mas nem por isso uma missão simples.

Chamam-lhe IBM 1400 por ser esse o nome da sua série. Mas o computador usado pelo Exército era o IBM 1401, "a primeira máquina do mundo com capacidade intrínseca de processamento", explica Octávio Firme.

A sua capacidade de armazenamento é hoje motivo de gargalhada, pois apenas podia guardar quatro kilobytes (KB) de informação (uma disquete, das que já quase não se usam, permite guardar 1,5 megabytes... e um megabyte são 1000 kilobytes).

Em Luanda, Octávio Firme constatou que grande parte dos programas desenvolvidos para a IBM 1401 não funcionavam na nova máquina. Como não havia gente para trabalhar com o novo computador, acabou por ficar em Angola mais de dois anos, cinco meses para além do 25 de Abril.

Só com quatro KB de memória, a IBM 1401 processava os vencimentos de mais de 100.000 militares que estavam em Angola, Moçambique e Guiné. A determinada altura do mês, a secção de preparação de vencimentos recolhia as informações dos militares, onde constavam as alterações. Depois, era preenchido para cada militar um impresso com a imagem do cartão perfurado que depois seria lido pelo computador, um trabalho realizado por cerca de 30 mulheres. Finalmente, essa informação era verificada e depois processada pela IBM 1401, à qual estava ligada uma impressora e uma leitora de cartões perfurados.

Esses cartões são uma espécie de antepassados das disquetes e CD de

hoje, pois era lá que estava guardada a informação. Os furos, em locais específicos, tinham um significado interpretado pela máquina para fazer os cálculos.

Com o aspecto de um armário, a IBM 1401 lia os cartões (dois por cada militar, um com a informação geral e outro com as alterações daquele mês), fazia os cálculos, emitia os mapas de vencimento por unidades e imprimia os envelopes com o nome, o posto e a quantia a receber.

Calculava ainda as chamadas "pensões na metrópole", que os militares pretendiam fazer chegar aos familiares.

"A 1401 pode ser considerada o primeiro computador", diz Octávio Firme. Era, inclusive, uma máquina cara. O Exército alugou-a por cerca de 300 contos por mês (1500 euros), recorda. Na altura, chegava para comprar uma casa.